

Isaac Goldberg e a literatura brasileira nos Estados Unidos: a trajetória produtiva do intelectual estadunidense nas décadas de 1910 e 1920¹

Isaac Goldberg and the Brazilian literature in the United States: the productive trajectory of the american intellectual in the 1910s and 1920

Eder Dias Capobianco

Doutorando em Literatura e Vida Social -
UNESP-Assis/SP, Brasil
eder.capobianco@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5607-7638>

Resumo: O artigo reúne as produções de Isaac Goldberg (1887-1938), nos Estados Unidos, que envolvem a literatura brasileira nas décadas de 1910 e 1920. O objetivo é expor um breve resumo de como cada publicação trata a literatura brasileira, assim como sua estrutura, analisando os aspectos destacados por Goldberg sobre a cultura e literatura nacional. No período em que esta pesquisa propõe, Goldberg escreveu sobre a literatura brasileira em sete ocasiões, entre artigos, ensaios e livros. Suas pesquisas revelam leituras de críticos locais, num movimento que Álvaro Lins (1912-1970) avalia como louvável. Os resultados obtidos a partir dessa metodologia o colocam, pela classificação de Otto Maria Carpeaux (1900-1978), como um historiador da literatura moderno, que busca através do romance e da crítica as particularidades políticas e culturais de um povo.

Palavras-chave: Crítica; Literatura brasileira nos Estados Unidos; Isaac Goldberg

Abstract: The paper aims to show the works of Isaac Goldberg (1887-1938), in the United States about Brazilian literature around the period between 1910 and 1930. The objective is to present a brief summary of how each publication deals with Brazilian literature, as well as its structure, analyzing the aspects highlighted by Goldberg about Brazilian culture and literature. In the period in which this paper proposes, Goldberg wrote about Brazilian literature seven times, including articles, essays and books. His research reveals readings by local critics, placed as a reference by him, in a movement that Álvaro Lins (1912-1970) evaluates as commendable. The results obtained from this methodology place him, according to the classification of Otto Maria Carpeaux (1900-1978), as a modern literary historian.

Keywords: Critics; Brazilian literature in the United States; Isaac Goldberg

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Isaac Goldberg (1887-1938) foi um intelectual estadunidense que atuou como jornalista, autor, crítico e tradutor. Sua formação foi na Universidade de Harvard, em 1910, onde também obteve o grau de Mestrado, em 1911, e PhD, em 1912, em linguagem da literatura e do romance. A bibliografia construída por ele apresenta produções que abrangem obras críticas (como *Dante, an Aesthetic View* [1923]), bibliográficas (de Havelock Ellis e Mencken, por exemplo), pesquisas voltadas para história da literatura (como *Studies in Spanish-American Literature* [1920] e *Brazilian Literature* [1922]), contos, romances e traduções de obras em espanhol, português, italiano, japonês, russo e ídiche para o inglês.

A relação de Goldberg com o Brasil foi constante durante o período que marca esta pesquisa², entre as décadas de 1910 e 1920. Há registros de troca de correspondências e relações sociais dele com intelectuais brasileiros, como Oliveira Lima³ (1867-1928) e Gilberto Freyre⁴ (1900-1987), que constam na tese de Rosemary de Paula Leite Carter, *Monteiro Lobato acontece na América: Análise de duas transposições do conto “O Engraçado Arrependido” de Monteiro Lobato para o idioma inglês, respectivamente, em 1925 e 1947 e a relação intelectual do crítico literário Isaac Goldberg com o autor brasileiro* (2011). A relação dos brasileiros com o intelectual estadunidense se deu a partir de Lima, que a pedido de Freyre o envia o endereço de Goldberg para que ambos possam se corresponder. Efetivado esse contato, ambos se encontram em Nova Iorque, em 1921. Em carta para Lima, Freyre descreve Goldberg fisicamente e relata que ambos tinham muitas afinidades de pensamento (CARTER, 2011: 83).

O objetivo do estadunidense com seu trabalho também foi declarado por ele algumas vezes: estabelecer um intercâmbio intelectual entre Estados Unidos e Brasil, uma vontade que se expandia para toda América Latina⁵.

² Para se formular a lista de publicações de Goldberg sobre a literatura brasileira, nos Estados Unidos, foram verificadas pesquisas anteriores, das quais a de Rosemary de Paula Leite Carter deve ser destacada, além de buscas em bancos de dados e bibliotecas digitais, tais como: Wikisource, Harvard Library (HOLLIS), The Online Books Page, The Unz Review, Internet Archive, HathiTrust, Library of Congress (EUA), The New York Public Library, Ibero Amerikanisches Institut, Project Gutenberg e Google Acadêmico.

³ Na seção de cartas, da edição de 20 de novembro de 1921, do Jornal do Brasil, é publicada uma correspondência de Oliveira Lima, intitulada “A Propaganda das Letras Brasileiras”, na qual ele afirma manter contato regularmente com Goldberg, a quem estava provendo material de pesquisa para *Brazilian Literature* (1922).

⁴ Em coluna publicada na edição de 18 de outubro de 1925, no jornal Diário de Pernambuco, “O Livro Belo”, Gilberto Freyre relata sua amizade e relação com Goldberg, contando que lhe emprestou uma versão de “Pequena História da Literatura Brasileira”, de Ronald de Carvalho. Disponível em: <<http://www.escritoriiodolivro.com.br/arte/freyre.php>>. Acesso em: 16. mar. 2023.

⁵ Na edição da revista *América Brasileira*, de maio de 1924, é publicado o artigo de Goldberg “A renascença literária norte americana”, no qual ele argumenta que pretende contribuir para uma melhor relação intelectual entre Brasil e Estados Unidos. Escreve ele: “Algo como uma entente intelectual ainda não foi estabelecido entre as duas grandes nações. Gente ha nos Estados Unidos que crê que o Brasil fala espanhol. Gente ha no Brasil que imagina que nos

What South American Read (1915)

Em 1915, Goldberg publicou uma série de três artigos para a revista *The Bookman*, de Nova York, intitulada *What South American Read*, nas edições de junho, julho e agosto. O primeiro tem como subtítulo *A panorama of poets, critics and culture*, o segundo *The newspapers: a survey of editors, press and policies*, e o terceiro *Novels, novelists, and novel-readers*⁶. O crítico se foca no que se refere como ABC sul americano: Argentina, Brasil e Chile. A razão desse interesse está relacionada com o aumento do comércio entre os Estados Unidos e a região.

Not the least important effect of our increased trade relations with South America will be a correspondingly increased interest in the continent's intellectual past and present. For if it be true that man cannot live by bread alone, neither can the highest type of international relations be developed through trade alone. Both the field of trade and the field of intellectual activity in this case are practically new to us of the United States whom the South Americans call the "Americans of the North." By them the term "American" is used to apply to themselves, and this is but one of the many external signs of a deep pride of race and tradition that forms one of the dominant traits of all that they say, write or do.

Considered as a continent, the intellectual past of the South American nations is intimately bound up with the Culture of those European countries whose offspring they are. Argentine and Chile, for instance, thus learned their letters from Spain, while that

Estados Unidos só levamos a lynchar negros, divorciar-nos de nossas mulheres e socar jazz" (AMERICA BRASILEIRA, 1924, s. p.).

Na edição número 5, de agosto de 1928, da revista uruguaia *Orientación*, Goldberg publicou o artigo "El espíritu latino americano en la literatura", no qual reconhece que existe uma falta de conhecimento, que ele julga mútuo, entre a América Latina e os Estados Unidos. Escreve ele: "No cerramos los ojos. En muchos rincones de la América del Sur, a los Estados Unidos cuando no se les odia, se desconfía de ellos intensamente. Nosotros, en cambio, los despreciamos y llegamos a veces a considerarlos unos patanes sucios, sin contar con que hasta no hace mucho tiempo, eran los villanos de reglamento en nuestras películas cinematográficas ¡ellos a su vez no ven en nosotros más que unos cazadores de dólares con las manos gateando sangre y aceite. No es un cuadro nada representativo de la cultura; pero ésta existe." (GOLDBERG, 1928, s. p.)

⁶ Os artigos em questão podem ser encontrados no portal *The Unz Review - An Alternative Media Selection*. Disponível

em: <https://www.unz.com/print/author/GoldbergIsaac/Search/?Title=What+South+Americans+Read&PubType=All&Action=Search>. Acesso em: 16 de mar. 2023.

*most progressive of republics, Brazil, took its first lessons from Portugal.*⁷ (GOLDBERG, 1915, p.382)

Para Goldberg existe uma falta de conhecimento mútuo sobre a cultura dos Estados Unidos e da região, e a causa é o relacionamento que se inicia entre os dois fundamentado apenas no comércio. Um exemplo disso reside na nomenclatura Americanos, que para os estadunidenses significa a denominação de quem nasce no país, enquanto que para os sul-americanos se refere a todos os habitantes do continente. Ao mesmo tempo que se propõe analisar os universos literários dos três países separadamente, ele realiza comparações entre eles. Ligando-os às suas respectivas metrópoles, e aos movimentos literários que delas emergem, Goldberg as insere na literatura ocidental pela influência de seus colonizadores.

No que se refere ao Brasil, o crítico considera que o país ocupa uma posição de liderança na vida intelectual sul-americana, e possui muitas semelhanças com os Estados Unidos, como as questões escravistas e o espírito progressista na literatura e na educação. Como referência da sua pesquisa, ele aponta Sílvio Romero (1851-1914), principal historiador literário do país. Machado de Assis (1839-1908) é destacado como melhor escritor brasileiro por sua habilidade e pela sua “brooding melancholy”, e José Veríssimo (1857-1916) e Oliveira Lima são colocados como exemplos da intelectualidade brasileira.

O segundo artigo da série, *The newspapers: a survey of editors, press and policies*, focado na imprensa e na política, destaca que na América do Sul os jornais são os principais meios de divulgação da literatura, visto que é muito caro e difícil se publicar um livro. Após apontar o jornal argentino *La Prensa* como um dos mais notáveis do mundo, por sua independência política e diagramação, Goldberg avalia que os jornais brasileiros são bastante diferentes dos argentinos e estadunidenses.

⁷ “Não menos importante, o efeito de nossas crescentes relações comerciais com a América do Sul terá um aumento de interesse correspondentemente no passado e presente intelectual do continente. Pois se é verdade que o homem não pode viver só de pão, também não pode o mais alto tipo de relações internacionais ser desenvolvido apenas através do comércio. Tanto o campo do comércio quanto o campo da atividade intelectual, neste caso, são praticamente novos para nós dos Estados Unidos, a quem os sul-americanos chamam de “Americanos do Norte”. Por eles, o termo “Americano” é usado para se referir a si mesmos, e este é apenas um dos muitos sinais externos de um profundo orgulho de raça e tradição que forma um dos traços dominantes de tudo o que eles dizem, escrevem ou fazem.

Considerado como um continente, o passado intelectual das nações sul-americanas está intimamente ligado à cultura das mesmas. A dos países europeus de quem são fruto. A Argentina e o Chile, por exemplo, aprenderam suas letras com a Espanha, enquanto a mais progressista das repúblicas, o Brasil, teve suas primeiras lições com Portugal.” (Tradução Própria)

When we come to the leading papers of Brazil there is a noticeable exterior change. Brazilian journalism, in general, is not so "Yankified" as that of Argentina. The word "Yankee," it might be remarked in passing, is not necessarily used by our Southern friends in a derogatory sense. There is, moreover, less provision for information from the outside world; cablegrams are not so frequent, nor is foreign correspondence so generally cultivated. Behind the leading papers, however, are definite personalities and political factions, which give character such as many of the South American journals lack. Merou, himself of Argentine, admits that the literary style of the Brazilian newspaper men is superior to that of his countrymen. There is the light French touch, the day's chronicle and the refined commentary at which men like Olavo Bilac and Coelho Netto are masters.⁸ (GOLDBERG, 1915, p.481)

Um fator de diferenciação do tratamento dado aos Estados Unidos, com relação ao jornalismo praticado no resto do continente, é que no Brasil o termo “yankee” não tem, necessariamente, uma conotação pejorativa. Não há, ainda, interesse pelas notícias internacionais. Apesar disso, citando o poeta argentino Martín García Mérou (1862-1905), Goldberg atesta a superioridade dos jornais brasileiros com relação aos dos seus vizinhos. A razão seria uma maior influência da literatura francesa, que pode ser vista nas contribuições de Olavo Bilac (1865-1918) e Coelho Neto (1864-1934).

O *Jornal do Comércio* é colocado como o maior do país e, apesar de não ser oficial, é o mais confiável, mesmo não apresentando uma aparência satisfatória. Dessa vez como jornalista, Machado de Assis é classificado como importante por seu alinhamento à cultura saxônica, e Ruy Barbosa (1849-1923) é apontado como o grande empresário do jornalismo local, sendo ele a principal linha de frente do progresso na região.

Na terceira, e última parte, da série, *Novels, novelists, and novel-readers*, Goldberg volta sua atenção aos romances e seus escritores. Em comparação com os outros países da região, para ele, o Brasil ocupa uma posição de destaque pelo grande número de escritores. Ressaltando que o gênero romanesco é recente na América do Sul, e que sua publicação é cara e difícil, sendo que em muitos casos são autofinanciados pelos escritores, Goldberg liga essas condições ao baixo número de leitores na região, dado o alto índice de analfabetos. No romance, em sua

⁸ “Quando passamos aos principais jornais do Brasil, nota-se uma mudança exterior perceptível. O jornalismo brasileiro, em geral, não é tão “yankificado” quanto o da Argentina. A palavra “yankee”, pode-se observar de passagem, não é necessariamente usada por nossos amigos sulistas em um sentido depreciativo. Além disso, há menos fornecimento de informações do mundo exterior; os telegramas não são tão frequentes, nem a correspondência estrangeira geralmente cultivada. Por trás dos principais jornais, no entanto, estão personalidades definidas e facções políticas, que dão caráter que falta a muitos dos jornais sul-americanos. Merou, ele mesmo argentino, admite que o estilo literário dos jornalistas brasileiros é superior ao de seus conterrâneos. Há o leve toque francês, a crônica do dia e o comentário refinado, em que homens como Olavo Bilac e Coelho Netto são mestres.” (Tradução Própria)

análise, há uma busca por enfatizar questões morais e religiosas que atingem os leitores e a crítica, e tem como pano de fundo questões nacionalistas. Na crítica isso implica numa importância menor das questões estéticas. Esse seria o motivo pelo qual o historiador italiano Guglielmo Ferrero (1871-1942), segundo Goldberg, credita *Canaã* (1902), de Graça Aranha (1868-1931), como o grande romance americano. O estadunidense ainda acrescenta que o formato do romance representa a influência do Velho Mundo no Novo, num hibridismo que é parte do processo de americanização da Europa e europeização da América. Desqualificando a análise de Ferrero, Goldberg diz que os Estados Unidos têm obras muito superiores às do brasileiro, e que o Indianismo é resultado da geografia local.

Brazil possesses an imposing list of authors. If there be anything lacking in this array it is a certain broad variety of subject and treatment to which our own men and women have accustomed us. It is not to be wondered that in surroundings such as the Amazon affords an "Indian" school of literature should have arisen. This Indianism found its highest point, perhaps, in the Guarany of Jose Alencar, which won for its author national reputation and achieved unprecedented success, foreshadowing the era of "best sellers" which at present seems to have reached its highest point in Chile. Guarany was set to music by the Brazilian composer, Carlos Gomez, thus spreading the fame of the book into the realms of another art. The book is replete with an intensity of life and charming descriptions that recall the pages of Chateaubriand, and its prose often verges upon poetry in its idealisation of the Indian race.⁹ (GOLDBERG, 1915: 643)

Goldberg aponta que, apesar de um considerável número de escritores, os temas explorados por eles não são tão vastos, tendo o Indianismo maior predominância. Além da influência da geografia local, a popularidade deles seria outra razão. Prova disso seria o sucesso de *O Guarani* (1857), de José de Alencar (1829-1877), que inspirou o compositor Carlos Gomes (1836-1896), o colocando como uma obra que se multiplicou no campo das artes. A referência comparativa com François-René de Chateaubriand (1768-1848) indica a influência francesa na literatura brasileira.

⁹ "O Brasil possui uma lista de autores imponente. Se há alguma coisa que falta nesse arranjo é uma certa ampliação de variedades de assuntos, e tratamento aos quais nossos próprios homens e mulheres nos acostumaram. Não é de admirar que em um ambiente como o da Amazônia tenha surgido uma escola de literatura "indígena". Esse Indianismo encontrou seu ápice, talvez, no *Guarany*, de José Alencar, que conquistou para seu autor notoriedade nacional e alcançou sucesso sem precedentes, prenunciando a era dos "best-sellers", que atualmente parece ter atingido seu ápice no Chile. O *Guarany* foi musicado pelo compositor brasileiro Carlos Gomez, espalhando assim a fama do livro no âmbito de outra arte. O livro está repleto de uma intensidade de vida e descrições encantadoras que lembram as páginas de Chateaubriand, e sua prosa muitas vezes beira a poesia em sua idealização da raça indígena." (Tradução Própria)

Dentre os escritores e obras dos brasileiros, é destacado *Inocência* (1872), de Alfred d'Escragnonle Taunay (1843-1899), acrescentando que o romance é tido como o melhor dentre os sul americanos por Mérou, e traduzido para as principais línguas europeias, além do danish e do japonês. Também são lembrados Araripe Júnior (1848-1911), colocado como um importante crítico que se vale do positivismo, a influência do Naturalismo de Émile Zola (1840-1902) presente nas obras de Aluísio Azevedo (1857-1913), o Realismo de Coelho Neto, e a atmosfera de Edgar Allan Poe (1809-1849) presente nos contos de Machado de Assis. Cita-se, ainda, a contribuição das mulheres para o desenvolvimento das letras na América do Sul, sendo Carmen Dolores (pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Mello [1852-1910]), e Julia Lopes de Almeida (1862-1934) as principais expoentes.

South American Literature: Three Brazilian Tales (1917)

Em 1917 são publicadas, no jornal *The Stratford Monthly*¹⁰, três traduções de contos brasileiros, sob o título *South American Literature: Three Brazilian Tales*. Os contos são: *The Attendant's Confession* (*O Enfermeiro*), de Machado de Assis, *The Vengeance of Felix* (*A Vingança de Félix*), de Medeiros Albuquerque (1867-1934), e *The Pigeons* (*Os Pinguins*), de Coelho Neto. Os três constam logo no início da edição, indo da página 3 à 31, e são precedidos por uma breve introdução, na qual o crítico coloca o Brasil no patamar de maior produtor de romances da América do Sul, mas também lembra das dificuldades da produção literária no país, como a falta de público devido ao analfabetismo e o baixo número de editoras dispostas a investir em escritores. Apesar disso, citando novamente Ferrero e sua análise de *Canaã*, os contos levados ao público do Estados Unidos representam o inverso do que se pode pensar sobre a literatura brasileira, que ela é exótica.

*Such tales as "The Attendant's Confession" or "The Vengeance of Felix" are written with a refinement of thought as well as of language. They are not, as so much of Brazilian literature must perforce seem to the stranger's mind, exotic. They belong to the literature of the world by virtue of the human appeal of the subject and the literary mastery of their treatment*¹¹. (GOLDBERG, 1917: 4)

¹⁰ As edições do jornal *The Stratford Monthly* estão disponíveis na biblioteca digital HathiTrust. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=njp.32101064477654&view=1up&seq=377&q1=isaac%20goldberg>>. Acesso em: 16 de mar. 2023.

¹¹ "Contos como "The Attendant's Confession" ou "The Vengeance of Felix" são escritos com refinamento tanto de pensamento quanto de linguagem. Estes pertencem à literatura do mundo, em virtude do apelo humano do assunto e do domínio literário de seu tratamento." (Tradução Própria)

A literatura brasileira que Goldberg apresenta aos leitores mostra, em sua análise, os valores de uma literatura universal, que explora os sentimentos que tocam todos os homens. Seu pensamento reflete uma tendência à análise estética, que se apoia no conceito de "belles-lettres" propagado pela teoria de Gustave Lanson (1857-1934). Sem muito aprofundamento, ainda são apresentadas breves biografias dos escritores brasileiros. A mais extensa, de dois parágrafos, é a de Machado de Assis. Seu papel como fundador e presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL) é lembrado, assim como a ironia é destacada como uma marca de suas obras. O segundo parágrafo traz uma citação de Oliveira Lima, que coloca o escritor como um exemplo de homem das letras. Coelho Neto é retratado como um autor popular, apesar de não ter uma produção ficcional estável no que toca à qualidade. Suas virtudes residem na descrição da natureza tropical e na retratação da vida de maneira pitoresca. Medeiros Albuquerque tem sua escrita comparável ao francês Guy de Maupassant (1850-1893), mas que propaga uma atmosfera parecida com a de Poe.

Por fim, Goldberg agradece ao jornal *Boston Evening Transcript* por permitir a publicação da tradução do conto de Machado, possivelmente indicando que uma versão da tradução já havia sido publicada anteriormente. A possibilidade não pôde ser verificada¹², e não há um consenso de qual seria a data, e o meio, da primeira tradução de Machado de Assis para o inglês. O que se pode afirmar é que se trata do conto *The Attendant's Confession*, e que a tradução foi feita por Goldberg. Ainda é informado para o leitor que as traduções de Coelho Neto e Medeiros Albuquerque foram feitas a partir de versões em francês, pois Goldberg explica que não tinha acesso aos originais em português.

Brazilian Tales (1921)

O escopo de traduções e análises da literatura brasileira, feitas por Goldberg, começa a crescer em 1921 com a publicação de *Brazilian Tales*¹³, pela editora Four Seas Company, de Boston. A obra conta com uma introdução nomeada *Some Informal Preliminary Remarks*, na qual

¹² Há, na introdução de *Brazilian Literature* (1922), a informação, fornecida por Goldberg, que algumas das traduções e artigos publicados por ele no jornal *Boston Evening Transcript* em 1914 estão ali reproduzidas, com a devida autorização do jornal. Buscamos verificar, nos arquivos disponíveis do jornal *Boston Evening Transcript* em diversos bancos de dados, como a biblioteca digital HathiTrust, Google News Archives e Project Gutenberg, por exemplo, mas não localizamos nenhuma contribuição de Goldberg. Isso não significa que elas não existam, visto que os arquivos estão incompletos.

¹³ A obra pode ser encontrada no portal Project Gutenberg. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/21040/21040-h/21040-h.htm>>. Acesso em: 16 de mar. 2023.

o crítico, em 36 páginas, divididas em quatro tópicos, explana brevemente sobre a trajetória da literatura brasileira. Em seguida são apresentadas as traduções de seis contos de escritores brasileiros: dois de Machado de Assis, sendo a republicação de *The Attendant's Confession* e *Life (Vida)*, somados a *The Fortune-Teller (A Cartomante)*, *The Vengeance of Felix*, de Medeiros Albuquerque, também é novamente apresentado, assim como *The Pigeons*, de Coelho Neto, e pela primeira vez Carmen Dolores é traduzida para o inglês, com *Aunt Zeze's Tears (As Lágrimas da Tia Zezé)*.

Adotando uma metodologia que começa a se diferenciar das apresentações da literatura brasileira anteriores, caminhando para uma análise da história da literatura, Goldberg expõe mais claramente as referências críticas que têm sobre o tema, e a debatê-las. A começar pela contestação da tese de José Veríssimo (1857-1916) que sem uma língua própria não pode existir uma literatura própria. Valendo-se da teoria do poeta mexicano Luis G. Urbina (1864-1934), creditada a *La vida literaria de México y la Literatura Mexicana durante la Independencia* (1917), de que existe uma psicologia diferente do ambiente que transforma a língua e a literatura colonial, Goldberg refuta Veríssimo.

A partir daí, se inicia, no segundo tópico, a explanação sobre a história da literatura brasileira, com a apresentação da classificação proposta por Romero, em *História da Literatura Brasileira* (1888) - Período de Formação (1500-1750); Desenvolvimento Autônomo (1750-1830); Transformação Romântica (1830-1870); e Período das reações antirromânticas (a partir de 1870) -, mas sem creditá-la ao sergipano. Apesar de serem tratados de forma linear e cronológica, não há separação formal dos períodos citados. São os escritores que a eles pertencem que são o foco, lembrando a estrutura proposta por Veríssimo em sua *História da Literatura Brasileira: De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)* (1916), que também não analisou a literatura brasileira por períodos, atendo-se aos escritores de maneira cronológica.

As querelas envolvendo o crítico da Geração 1870 e Veríssimo não são discutidas¹⁴, mas aparecem na narração da trajetória descrita por Goldberg.

Four volumes of poetry sustain his [Machado de Assis] reputation as poet. He is found, by Romero and Ribeiro, to be very correct and somewhat cold in his verse. He took little delight in nature and lacked the passionate, robust temperament that projects itself upon

¹⁴ As relações conflituosas entre Romero e Veríssimo podem ser verificadas em obras como *A Tradição do Impasse* (1956), de João Alexandre Barbosa, e *Estilo Tropical* (1991), de Roberto Ventura.

pages of ardent beauty. In the best of his prose works, however, he penetrates as deep as any of his countrymen into the abyss of the human soul.

The judgment of Verissimo upon Machado de Assis differs somewhat from that of his distinguished compatriots. Both because of the importance of Machado de Assis to Brazilian literature, and as an insight into Verissimo's delightful critical style, I translate somewhat at length from that writer¹⁵. (GOLDBERG, 1921, s. p.)

O trecho segue com uma longa citação de Veríssimo, sem informar de qual obra, em que o paraense defende sua análise de que Machado possui originalidade e qualidades que o distinguem como uma grande figura da literatura brasileira. Veríssimo, por quem o estadunidense tem grande apreço, também é referenciado na descrição de Coelho Neto e Medeiros Albuquerque.

Veríssimo é citado pelo intelectual 15 vezes, como referência em todas as fases da literatura brasileira, sendo a obra *Cenas da Vida Amazônica* (1899) destacada. Mas também aparecem outros críticos e textos como fonte de Goldberg, tais como *Compêndio de História da Literatura Brasileira* (1906), de Romero e João Ribeiro (1860-1934), *Le Roman au Brésil* (1918), de Benedicto Costa (1895-1981), e Ferreiro - novamente citado com sua análise sobre *Canaã*. Goldberg explica as influências dos jesuítas e da literatura portuguesa como impulsionadores da literatura brasileira, com autores portugueses como Gil Vicente (1465-1536) e Bernardim Ribeiro (1482-1552), seguindo para o Indianismo de *O Guarani*, de José Alencar, e *Inocência*, de Taunay, num roteiro bastante similar ao já traçado na sua série de artigos *What South American Reads*. O ensaio ainda destaca Inglês de Sousa (1853-1918), com *O Missionário* (1899), como consequência do Indianismo, e *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo (1857-1912), como resultado da influência do Naturalismo francês na literatura brasileira, entre outros.

Brazilian Literature (1922)

A mais robusta publicação sobre a literatura brasileira é *Brazilian Literature*¹⁶(1922), lançado pela editora A. A. Knopf, de Nova Iorque. A obra conta com duas introduções: uma

¹⁵“Quatro volumes de poesia sustentam sua reputação de poeta [Machado de Assis]. Ele é considerado, por Romero e Ribeiro, muito direto e um tanto frio em seus versos. Ele tinha pouco prazer na natureza, e carecia do temperamento apaixonado e vigoroso que se projeta em páginas de beleza ardente. No melhor de seus trabalhos em prosa, entretanto, ele penetra tão fundo quanto qualquer um de seus compatriotas no abismo da alma humana. O julgamento de Verissimo sobre Machado de Assis difere um pouco do de seus ilustres compatriotas. Tanto pela importância de Machado de Assis para a literatura brasileira, quanto por conhecer o delicioso estilo crítico de Verissimo, traduzo um tanto extensamente desse escritor.” (Tradução Própria)

¹⁶ A obra pode ser encontrada no portal Project Gutenberg. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/cache/epub/49605/pg49605-images.html>>. Acesso em: 16 de mar. de 2023.

escrita por Jeremiah Denis Mathias Ford (1873-1958), orientador de Goldberg em Harvard, e outra pelo próprio crítico. Em ambas, a relação comercial crescente entre Brasil e Estados Unidos é destacada, e o necessário conhecimento cultural do país, que se demanda a partir dela. O livro é dividido em duas partes: *An Outline History of Brazilian Literature* e *Representative Personalities*. Na primeira Goldberg traça a história da literatura brasileira, enquanto que na segunda analisa individualmente nove figuras das letras brasileira: Castro Alves (1847-1871), Machado de Assis, José Veríssimo, Olavo Bilac, Euclides da Cunha (1866-1909), Oliveira Lima, Graça Aranha, Coelho Neto e Francisca Julia (1871-1920). Uma décima personalidade é acrescentada, Monteiro Lobato (1882-1948), sob o rótulo de *The Newer Writers*.

No que se refere a história da literatura brasileira, Goldberg utiliza as categorias propostas por Romero, desta vez dando crédito ao sergipano, sendo que cada uma é analisada separadamente. Além dele e de Veríssimo, Ronald de Carvalho (1893-1935), com *Pequena História da Literatura Brasileira* (1919), é uma das suas principais referências. A análise proposta pelo estadunidense pretende ser mais profunda que as anteriores, mas é colocada como resultado delas.

Though none of the text as it here appears has been printed elsewhere, some of the matter has formed the substance of articles that have been published, between 1914 and the present, in the Boston Evening Transcript, the Christian Science Monitor, the Literary Review of the New York Evening Post, the New York Times, the Bookman, the Stratford Journal and other periodicals to the management and editors of which I am indebted not only for permission to reprint, but for their readiness to accept such exotic material¹⁷. (GOLDBERG, 1922: xii)

Goldberg se refere aos trabalhos publicados nos veículos em questão como exóticos, confirmando sua impressão da falta de conhecimento, e estranhamento de seus compatriotas com relação à literatura brasileira. Em sua introdução, o estadunidense esclarece que o panorama histórico que vai traçar serve como contextualização para a leitura da parte seguinte, quando vai tratar das personalidades representativas. O crítico ainda escreve que sua obra não vai, apenas, se valer de suas leituras, mas também da leitura que os próprios brasileiros fazem de sua literatura. Assim, ele pretende revelar a personalidade e o pensamento nacional. Além dos intelectuais brasileiros já citados, aparecem como apoio a eles referências de Ferdinand

¹⁷ “Embora nenhum texto como aparece aqui tenha sido impresso em outro lugar, parte do assunto formou a substância de artigos que foram publicados, entre 1914 e o presente, no Boston Evening Transcript, no Christian Science Monitor, na Literary Review of o New York Evening Post, o New York Times, o Bookman, o Stratford Journal e outros periódicos para os quais a administração e editores sou grato não apenas pela permissão de reimpressão, mas por sua prontidão em aceitar esse material exótico.” (Tradução Própria)

Wolf (1796-1895), Ferdinand Denis (1798-1890), Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), Benedicto Costa, Oliveira Lima, José de Alencar, João Ribeiro, entre outros.

Para tanto, antes de adentrar nas classificações propostas por Romero, o estadunidense insere um capítulo introdutório que vai tratar sobre o meio, a miscigenação, a tradição portuguesa, a contribuição indígena e dos negros, as diferenças entre o português falado no Brasil e em Portugal e o nacionalismo. A abordagem de Goldberg pode ser descrita como estética, considerando a acepção de Erich Auerbach (1892-1957), em *Introdução aos Estudos Literários* (1943), referente à pesquisa da história da literatura. Numa abordagem bastante similar à de Veríssimo, em sua *História da Literatura Brasileira*, o estadunidense vai se ater à individualidade da obra e à criatividade empregada por seu autor, mas sem deixar totalmente de lado movimentos literários e as classificações temporais. O resultado desta metodologia o aproxima da *Pequena História da Literatura Brasileira*, de Carvalho, que por sua vez buscou referências nas histórias de literatura brasileira de Romero e Veríssimo (MARTINS, 1952: 22). A semelhança é apontada por Marcio Roberto Pereira, no artigo *Aspectos da formação da literatura brasileira sob a perspectiva de Isaac Goldberg: uma análise de Brazilian Literature* (2022), que levanta a hipótese de a obra de Goldberg ser uma modernização da história da literatura brasileira, que rejeita o nacionalismo como metodologia em nome de uma abordagem estética (PEREIRA, 2022: 137).

Dentre os brasileiros selecionados, na segunda parte da obra, como figuras representativas das letras nacionais, destacam-se as análises de Machado de Assis e Veríssimo. Os dois têm em comum um pensamento que transcende suas origens. Crendo elogiá-los, Goldberg pondera que se Machado fosse francês estaria no estandarte da literatura mundial, mas como é brasileiro não tem a posição merecida no universo literário, sendo pouco lido até entre seus compatriotas. Já Veríssimo é o melhor crítico nacional, estando entre os mais proeminentes da América Latina, devido a sua abordagem estética, partindo da biografia e do ambiente em que o escritor da obra faz parte. Isso se dá pela influência que o brasileiro apresenta da crítica estadunidense e europeia, diferenciando-se do modelo de crítico latino e comparável apenas ao uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917). Ambos, para o estadunidense, são o triunfo do improvável.

The Spirit of Brazilian Literature (1924)

Em 1924 é publicado *The Spirit of Brazilian Literature*¹⁸, um livreto de 65 páginas, como parte da série Little Blue Books da editora Haldeman-Julius Company, em Kansas. Goldberg adota, novamente, as quatro classificações de Romero para a história da literatura brasileira, justificando sua escolha pela simplicidade da divisão em séculos e por levar em conta eventos históricos. Uma diferença marcante para a obra anterior, *Brazilian Literature*, é o primeiro capítulo, no qual o estadunidense escreve uma introdução que pretende levar ao leitor o contexto do Brasil a partir da discussão do meio, da raça e da geografia local. Ao contrário do que havia feito, nessa obra Goldberg mostra uma postura mais pessoal para a narrativa, a partir da comparação entre Brasil e Estados Unidos.

Physical separation is the first step toward autonomy. In the wild outbursts of admiration which were hymned by these early spirits, we find already what Brazilian critics have termed nativism, as distinct from nationalism. Passionate fondness for the land itself is present at the very start. Let that land be coveted by foreigners; let those foreigners attack the settlers, as Holland, France and England did; let the settlers thus be forced into a unit of defense against a common possession, and already the seeds of national feeling have been implanted. Let the hazards of European fortunes send the Portuguese monarch in flight from his throne to Brazil, thus converting the country by his mere presence into the virtual monarchy itself, and a deeper feeling has been implanted in the Brazilian heart. Consider, too, the libertarian thoughts and deeds that are filling the air at this time: the successful struggle of the United States for independence from England; the sixteen-year fight of Spanish-America versus Spain; the French Revolution. Consider the waning power of the motherland, the series of oppressions visited upon a colony never sufficiently appreciated and ever regarded as a milch cow for the Court at Lisbon¹⁹. (GOLDBERG, 1924: 9-10)

¹⁸ A obra pode ser encontrada na biblioteca digital HathiTrust. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015063033180&view=1up&seq=1>>. Acesso em 16 de mar. 2023.

¹⁹ “A separação material é o primeiro passo para a autonomia. Nas explosões selvagens de admiração que foram cantadas por esses primeiros espíritos, já encontramos o que os críticos brasileiros chamaram de nativismo, em oposição ao nacionalismo. O carinho apaixonado pela própria terra está presente desde o início. Que essa terra seja cobiçada por estrangeiros; que esses estrangeiros ataquem os colonos, como fizeram a Holanda, a França e a Inglaterra; que os colonos sejam, assim, forçados a uma unidade de defesa contra uma posse comum, e que as sementes do sentimento nacional foram implantadas. Que os acasos da sorte europeia levem o monarca português a fugir de seu trono para o Brasil, convertendo assim o país por sua mera presença na própria monarquia virtual, e um sentimento mais profundo foi implantado no coração brasileiro. Considere, também, os pensamentos e ações libertárias que estão enchendo o ar neste momento: a luta vitoriosa dos Estados Unidos pela independência da Inglaterra; a luta de dezesseis anos da Hispano-América contra a Espanha; a revolução Francesa. Considere o declínio do poder da terra-mãe, a série de opressões infligidas a uma colônia nunca suficientemente apreciada e sempre considerada como uma vaca leiteira para a Corte de Lisboa.” (Tradução Própria)

O estadunidense vê a independência brasileira não, somente, como uma luta interna, mas inspirada e influenciada pelo ambiente externo de guerras e revoluções, como a independência americana. Dessa forma o meio se expande, indo do país para o mundo. A comparação com os Estados Unidos também é feita para ilustrar a miscigenação que origina o brasileiro. A proporção do cruzamento entre índios, negros e europeus no país do norte teria sido substancialmente menor que no sul, por isso há no Brasil o mameluco, o mulato e o cafuso. Em outro momento, Goldberg explica que nos Estados Unidos o índio não teve um papel tão relevante para a expressão do nacional na literatura como no Brasil.

Veríssimo continua a ser a principal referência do estadunidense para explicar sobre a literatura brasileira, e, apesar de ainda estarem presente nominalmente, Romero e Carvalho não são citados como contraponto ou complemento às teorias do crítico paraense. A construção da história da literatura brasileira segue um roteiro bastante semelhante ao de *Brazilian Literature* e *Brazilian Tales*, mas, talvez pela economia de espaço, aprofunda-se menos que a obra de 1922, e mais do que a de 1921. Como fator diferencial, nesta Goldberg constata o ecletismo crescente no universo literário brasileiro, e coloca Monteiro Lobato como exemplo desta tese. Uma das razões seria o aumento do intercâmbio cultural entre Brasil e Estados Unidos, que incrementou sua visão crítica do Brasil.

Brazilian Short Stories (1925)

Depois de ser elencado como promessa da literatura brasileira, em *Brazilian Literature*, e elogiado em *The Spirit of Brazilian Literature*, as obras de Monteiro Lobato são apresentadas por Goldberg em 1925, em *Brazilian Short Stories*²⁰, também da série Little Blue Books da editora Haldeman-Julius Company, em Kansas. O livreto traz uma introdução sobre o escritor paulista, escrita por Goldberg, e a tradução de três contos: *Modern Torture (Suplício Moderno)*, *The Penitent Wag (O Engraçado Arrependido)*, e *The Plantation Buyer (O comprador de fazendas)*. No fim da introdução, o estadunidense indica que as traduções foram feitas por uma amiga de Lobato, que mora no Brasil, e que mais sobre o escritor pode ser encontrado em *Brazilian Literature*.

²⁰ A obra pode ser encontrada na biblioteca digital HathiTrust. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015012979269&view=1up&seq=5>>. Acesso em: 16 de mar. de 2023.

Na apresentação de Lobato, o crítico descreve sua obra como uma reação à influência francesa na literatura brasileira, e louva seu trabalho como editor de livros e da *Revista do Brasil*. Sua trajetória literária também é relatada.

The beginning of the World War found Monteiro Lobato established upon a fazenda, far from the thoughts and centers of literature. It was by accident that he discovered his gifts as a writer. The story is told that one day, rendered indignant by the custom of clearing stubble fields by fire, and thus endangering the bordering inhabitants, he sent a letter of protest to a large daily in São Paulo. It seems that the letter was too important, too well-written, too plainly indicative of natural literary talent, to be relegated to the corner where readers' jeremiads usually wail, and that, instead, it was "featured" upon the first page. From that day the die was cast. The episode, in my opinion, is far more important than it appears. For, whatever form in which the man's later writings are published, they are in a more important degree just what this initial venture was: a protest, a means of civic betterment, a national contribution²¹. (GOLDBERG, 1925, p.5-6)

Goldberg aponta que Lobato também escreveu obras de literatura infantojuvenil, sendo ele de fundamental importância para a construção da nação. Apesar disso, o estadunidense aponta que o brasileiro enfrenta a crítica nacional, não sendo, em alguns casos, bem aceito porque há uma subestimação da estética nas análises. Sua relação com a crítica é comparada à de Manuel Gálvez (1882-1962), na Argentina, e Upton Sinclair (1878-1968) nos Estados Unidos, sendo a literatura do brasileiro resultado deste confronto e um ato de nacionalismo.

Referenciando a fonte como uma carta de Lobato, o estadunidense se vale de citações sobre a vida e trajetória literária do escritor, nas quais o brasileiro defende sua obra e independência de movimentos literários e da crítica. Goldberg qualifica a postura como virtude, uma revolta contra a ordem literária estabelecida. Marisa Lajolo, no artigo *Monteiro Lobato & Isaac Goldberg: a América Latina na América do Norte* (2010), levanta que não há registros de troca de correspondências entre o estadunidense e o brasileiro. Mas, em contrapartida, há diversas menções a Goldberg em correspondências trocadas entre Lobato e o escritor argentino Manuel Galvez. Galvez é citado por Goldberg, em *Brazilian Short Stories*, como parte do que o estadunidense nomeia de Grupo de Buenos Aires, que apresenta procedimentos de escrita

²¹ "O início da Guerra Mundial encontrou Monteiro Lobato estabelecido numa fazenda, longe dos pensamentos e centros da literatura. Foi por acaso que descobriu seus dons de escritor. Conta-se que um dia, indignado com o costume de limpar os restolhos com fogo, que colocavam em perigo os ribeirinhos, enviou uma carta de protesto a um grande diário de São Paulo. Parece que a carta foi muito importante, também muito bem escrita, muito claramente indicativa de talento literário natural, para ser relegada ao canto onde as jeremiadas dos leitores costumam lamentar; então, em vez disso, foi "apresentada" na primeira página. A partir desse dia a sorte foi lançada. O episódio, na minha opinião, é muito mais importante do que parece. Pois, seja qual for a forma em que os escritos posteriores do homem são publicados, eles são, em um grau mais importante, exatamente o que foi esse empreendimento inicial: um protesto, um meio de melhoria cívica, uma contribuição nacional." (Tradução Própria)

similares aos de Lobato (LAJOLO, 2011: 303). Carter, em sua tese, demonstra através da análise da correspondência entre o brasileiro e o argentino em 1921, que Lobato já tinha conhecimento das obras de Goldberg sobre a literatura na América do Sul, tendo tido acesso, inclusive, a informação de que o estadunidense já pensava na publicação de um livreto com traduções de suas obras (CARTER, 2011: 88-89).

Literary Ladies of the South (1926)

Na edição de dezembro de 1926, da revista *The American Mercury*, Goldberg escreveu um artigo sobre as escritoras sul americanas: *Literary Ladies of the South*²². A postura do estadunidense pode ser vista como progressista, por destacar não só escritoras como parte determinante do universo literário, mas também como oprimidas dentro deste universo.

The tradition of chivalry in criticism is as old as that of the bluestockings themselves. But it has not always blinded the critics to the literary ladies' shortcomings. I quote, for example, from the late José Verissimo, a Brazilian of uncommon, if unostentatious, gifts: (...)

But usually your southern reviewer, when he speaks of women poets, discusses their poetry in terms of regional patriotism and the "Psychopathia Sexualis." He cracks his spine with reverences and his knees with genuflexions. Meanwhile, the social fetters of which Verissimo spoke' have become less binding; the ladies have begun to break through their reticences. And the Brazilian Academy of Letters has listened solemnly to arguments in favor of admitting them to its illusory and inconspicuous immortality!²³ (GOLDBERG, 1926: 448-449)

A citação de Veríssimo feita por Goldberg se refere a uma passagem na qual o brasileiro destaca as dificuldades de se analisar a literatura feita por mulheres. O paraense não nega a capacidade feminina de escrever, mas pondera que não há escritoras de destaque. Seu argumento é que a sinceridade é primordial para a boa poesia, e que as mulheres têm dificuldade neste aspecto devido a sua posição social. O estadunidense pondera que esta visão pode ser encarada como sexista, e que as mulheres avançam na literatura, podendo até mesmo,

²² O artigo em questão pode ser encontrado no portal The Unz Review - An Alternative Media Selection. Disponível em: <<https://www.unz.com/print/AmMercury-1926apr-00448/>>. Acesso em: 16 de mar. 2023.

²³ "A tradição do cavalheirismo na crítica é tão antiga quanto as próprias sabichonas intelectuais. Mas nem sempre cegou os críticos para as desvantagens das senhoras literárias. Cito, por exemplo, o saudoso José Veríssimo, brasileiro de dons incomuns, ainda que sem ostentação: (...)

Mas geralmente sua crítica do sul, quando fala de mulheres poetisas, discute sua poesia em termos de patriotismo regional e da "Psychopathia Sexualis". Ele estala a espinha com reverências e os joelhos com genuflexões. Enquanto isso, os grilhões sociais de que falava Verissimo tornaram-se menos firmes; as senhoras começaram a romper suas amarras. E a Academia Brasileira de Letras tem ouvido solenemente os argumentos em favor de admiti-las em sua ilusória e discreta imortalidade!" (Tradução Própria)

no futuro, ocupar uma cadeira na ABL. O ponto de exclamação de Goldberg ao falar sobre essa questão evidencia sua ironia de quão óbvio é que elas deveriam poder ocupar esta posição.

Goldberg coloca que na América Latina as mulheres escrevem, majoritariamente, poesia. Por não serem nacionalistas, e pouco abordarem as questões nacionais em seus trabalhos, raramente são consideradas. No que se refere às brasileiras, é destacado os esforços de Francisca Júlia da Silva para que as mulheres possam ser parte da ABL. O estadunidense qualifica seu poema *Dança de Centauras* como um dos melhores trabalhos poéticos recentes no Brasil. Sua obra é utilizada como referência para analisar as da uruguaia Juana de Ibarbourou (1892-1979) e da argentina Alfonsina Storni (1892-1938), classificadas como neopaganismo, tendo como inspiração o classicismo grego. Em comparação às poetisas estadunidenses, Goldberg analisa que falta humor nas sul-americanas. Em defesa da poesia feminina, o estadunidense argumenta que as mulheres têm coisas a dizer que os homens não têm propriedade para falar.

Ainda podemos listar, como contribuição do estadunidense para a expansão da literatura brasileira pelos Estados Unidos, as resenhas das obras de Mário Pinto Serva (1881-?), *Patria Nova* (1922), na edição de janeiro de 1924 da revista *The American Mercury*, e *Dom Pedro the Magnanimous, Second Emperor of Brazil* (1937), da estadunidense Mary Wilhelmine Williams (1878-1944), na edição de 5 de fevereiro de 1938 do jornal *The Saturday Review*.

O Brasil nos Estados Unidos

Goldberg representa um marco para a literatura brasileira não só como instrumento de propagação dela nos Estados Unidos, mas nos países de língua inglesa. Havia, até aquele momento, passagens conhecidas de Henry Thomas Buckle (1821-1862), em a *História das Civilizações* (1857), e a obra de Robert Southey (1774-1843), *História do Brasil* (1817), por exemplo, mas nenhuma dessas tratava da literatura e da cultura brasileira da forma crítica que Goldberg faz. Suas afirmações do quão pouco se sabia sobre a cultura brasileira nos Estados Unidos, sendo o contrário também verdadeiro para ele, podem ser verificadas na insistência em que ele tem de reafirmar que no Brasil se fala português, e não espanhol²⁴.

²⁴ Em, ao menos, três oportunidades Goldberg explica que no Brasil se fala português. Em *The Spirit of Brazilian Literature*, escreve ele: “The language of Brazil is, with those modifications that time and place inevitably work, essentially Portuguese.” (GOLDBERG, 1924, p.8) (“A língua do Brasil é, com aquelas modificações que o tempo e o lugar inevitavelmente operam, essencialmente o Português.” [Tradução Própria]).

Ernest Boyd, na revista *The Nation* de novembro de 1922, escreve uma resenha sobre *Brazilian Literature*, sob o título *South Americans All*, em que classifica Goldberg como “an indefatigable cooperator with his South American colleagues in this task of making known the literatures of Latin America” (BOYD, 1922: 527), concordando com a falta de conhecimento que se tem da literatura latina nos Estados Unidos, sendo o inverso também verdadeiro. Para Boyd, enquanto os estadunidenses estavam mais focados na literatura canadense e inglesa, os latinos produziam mais análises sobre si mesmos. A obra de Goldberg teria vindo como um passo para preencher este vazio, e ampliar o intercâmbio cultural entre as regiões da América.

O pioneirismo de Goldberg foi precursor de um movimento posterior que alavancou não só a literatura brasileira, mas também a latina americana, nos Estados Unidos. Victoria Livingstone, no artigo *Between the good neighbor policy and the Latin American “boom”: brazilian literature in the United States*, escreve que na década de 1930 o presidente dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt (1882-1945), estabeleceu uma política nomeada de “Good Neighbor”, que pretendia incrementar o intercâmbio cultural do país com a América Latina, no qual o trabalho de Goldberg é destacado.

By 1930, as U.S. policies towards Latin America began to shift, interest in Latin American fiction grew. That year, in an article for Scribner’s, writer/translator Waldo Frank argued that the U.S. and Latin America should strive for “a deep mutual knowledge” that could be built through literature.⁶ It was in this political climate that Harriet de Onís began translating. Earlier translators such as Samuel Putnam and Isaac Goldberg had helped establish the canon of translated Latin American literature, but none of them came close to translating the volume of work de Onís produced²⁵. (LIVINGSTONE, 2015: 117)

No artigo “As Latin America Sees Us”, publicado na edição de dezembro de 1924 da revista *The American Mercury*, Goldberg afirma: “Brazil, “the United States of the South”, speaks Portuguese; yet it would hardly be exaggeration to say that, like its Spanish-speaking neighbors, it thinks largely in French.” (GOLDBERG, 1924, p.468) (O Brasil, “os Estados Unidos do Sul”, fala português; no entanto, dificilmente seria exagero dizer que, como seus vizinhos de língua espanhola, ela pensa principalmente em francês.” [Tradução Própria])

No artigo “El Espíritu Latino Americano en la Literatura”, publicado na edição de agosto de 1928 da revista uruguaia *Orientación*, Goldberg escreve: “A nuestros propios leaders intelectuales se nos ha difícil perdonarles esa presunción de superioridad, sobre todo, cuando tantos de ellos ni siquiera conocen el idioma vecinos del Sur, e ignoran además las diferencias de idioma entre Brasil e el resto de la América del Sur.

En el Brasil se habla portugués, que luce escrito casi igual al español, pelo que hablado resulta completamente distinto.” (GOLDBERG, 1928, s. p.) (“Tem sido difícil para nossos próprios líderes intelectuais superar essa presunção de superioridade, especialmente quando tantos deles nem mesmo conhecem a língua de seus vizinhos do Sul, e também desconhecem as diferenças linguísticas entre o Brasil e o resto da América do Sul.

No Brasil fala-se o português, que é escrito quase igual ao espanhol, mas quando falado é completamente diferente.” [Tradução Própria]).

²⁵ “Em 1930, quando as políticas dos Estados Unidos em relação à América Latina começaram a mudar, o interesse pela ficção latino-americana cresceu. Naquele ano, em um artigo para a Scribner, o escritor/tradutor Waldo Frank argumentou que os Estados Unidos e a América Latina deveriam buscar “um profundo conhecimento mútuo” que pudesse ser construído por meio da literatura. Foi nesse clima político que Harriet de Onís começou a traduzir. Tradutores anteriores, como Samuel Putnam e Isaac Goldberg, ajudaram a estabelecer o cânone da literatura

As traduções e pesquisas de Goldberg são tidas como uma referência para a nova política adotada. A partir de suas traduções, e estudos, estabelece-se o cânone da literatura latino-americana. A nova política também confirma as afirmações do estadunidense de que o intercâmbio cultural entre as regiões não era o ideal e precisava ser incrementado.

Considerações Finais

O início da década de 1920 foi o mais produtivo de Goldberg com relação à literatura brasileira. Foram três obras que cercam sua história e particularidades, lançadas por editoras diferentes, além de um livro com traduções de contos de Monteiro Lobato e um artigo. Uma parte importante da metodologia de Goldberg foi ler outros críticos, e refletir sobre eles, numa abordagem tida por Álvaro Lins como fundamental para a literatura (LINS, 2012: 94). Existe um movimento crescente no acréscimo da leitura de intelectuais brasileiros, ou de crédito a eles, nas obras. As análises do estadunidense se repetem e se completam, como uma pesquisa contínua. Também podemos observar uma persistência destas referências, como a análise de Ferrero de *Canaã*, de Graça Aranha, por exemplo, incrementada com novas fontes.

O resultado dessas leituras, como pode ser visto em *Brazilian Literature*, por exemplo, o aproximam do que Otto Maria Carpeaux (1900-1978), na introdução de *História da Literatura Ocidental* (1959), classifica como um historiador de literatura moderno, que vai buscar através do romance e da crítica as particularidades políticas e culturais de um povo. Seu exemplo para ilustrar o trabalho deste historiador é Johann Gottfried Herder (1744-1803).

Johann Gottfried Herder não deixou, entre os seus muitos escritos, uma só obra definitiva; mas é o maior dos precursores. Convergem em Herder todas as correntes espirituais da segunda metade do século XVIII – a crítica, o individualismo estético, o senso histórico, o gosto das expressões populares; aprofundam-se, entram em novas combinações, e irradiam pelos tempos futuros. Dotado de extraordinária capacidade de análise intuitiva, Herder deu os primeiros exemplos de crítica criadora: cria imagens permanentes de poetas, cria o seu Shakespeare, por exemplo; e depois de Herder será impossível contentar-se alguém com meras indicações biobibliográficas. O registro dos livros é substituído pela história das obras e das idéias. Mas Herder não cria apenas indivíduos; também cria, por assim dizer, indivíduos coletivos. Com o mesmo poder de intuição apanha os traços característicos das literaturas nacionais, da inglesa, da espanhola, da grega, da hebraica, cria o conceito “literatura nacional” como a expressão mais completa da evolução espiritual de uma nação. Todo o nacionalismo do século XIX se inspirará em

latino-americana traduzida, mas nenhum deles chegou perto de traduzir o volume de trabalho que Onís produziu.” (Tradução Própria)

Herder, que é até o avô, embora involuntário, do pan-eslavismo e do racismo alemão. Contudo, é um homem do século XVIII: o seu ideal supremo é a Humanidade, e todas aquelas literaturas nacionais lhe parecem como vozes mal isoladas, consonando na grande sinfonia da Literatura Universal: conceito que também se deve a Herder. As Idéias para a Filosofia da História da Humanidade (1784/1791), de Herder, não são uma história literária; mas uma obra cheia de sugestões, duas das quais particularmente importantes: a de que existe uma relação íntima entre a estrutura das línguas e a índole das literaturas; e outra, segundo a qual o mesmo princípio filosófico informa a história política, religiosa, econômica e literária.” (CARPEAUX, 1999: 13-14)

O fim de Goldberg é o mesmo atingido por Herder: mapear a evolução do Brasil, como se construiu a personalidade de seu povo e inserir a literatura brasileira dentro de um sistema literário universal. Para tanto, vale-se do romance e da crítica. Sua abordagem é invariavelmente estética romântica (AUERBACH, 1970: 29): julgando a literatura brasileira a partir de como os brasileiros a viam e interpretavam. O estadunidense ainda compartilha, com Veríssimo, o conceito de literatura como “belles-lettres”, embasado em Lanson. Mas, ao contrário do brasileiro, ele insere a crítica dentro deste universo, apropriando-se dela como um conhecimento que revela não só o romance, mas também a leitura que se faz de um povo. Deve-se destacar a atenção que o estadunidense dirige às mulheres, tanto na tradução de suas obras quanto no seu valor para literatura, numa época na qual seus trabalhos eram pouco reconhecidos.

O papel de Goldberg como interlocutor da literatura brasileira nos Estados Unidos, durante o período de suas publicações com esse fim, nas décadas de 1910 e 1920, traduziu-se em precursora no momento em que o país propôs intensificar esse intercâmbio cultural. Tornando-se uma figura determinante para o estabelecimento de cânone literário brasileiro, e uma referência crítica sobre o tema, seu trabalho é um material de pesquisa sobre como a literatura brasileira é apresentada para o público estadunidense pela primeira vez.

Referências Bibliográficas

AUERBACH, Erich (1970). *Introdução aos estudos literários*. Trad. PAES, José Paulo. São Paulo: Editora Cultrix.

- BARBOSA, João Alexandre (1974). *A tradição do impasse: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática.
- BOYD, Ernest (1922). South americans all: The spirit of Brazilian Literature. *The Nation*. Nova York, nov. 15.
- CARPEAUX, Otto Maria (2008). *História da literatura ocidental*. 3º ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial.
- CARTER, Rosemary de Paula Leite (2012). *Monteiro Lobato acontece na América*. Análise de duas transposições do conto “O engraçado arrependido” de Monteiro Lobato para o idioma inglês, respectivamente, em 1925 e 1947 e a relação intelectual do crítico literário Isaac Goldberg com o autor brasileiro. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.
- CARTER, Rosemary de Paula Leite (2011). Little Blue Books N°733 - Brazilian Short Stories: A relação entre o escritor brasileiro Monteiro Lobato e o norte-americano Isaac Goldberg. In: *Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC*. Curitiba: UFPR. Disponível em: <<https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0440-1.pdf>>. Acesso em: 16 de mar. 2023.
- FREYRE, Gilberto (1925). O livro belo. *Diário de Pernambuco*, Recife, out. 18. Disponível em: <<http://www.escriitoriodolivro.com.br/arte/freyre.php>>. Acesso em: 16. mar. 2023.
- GOLDBERG, Isaac (1924). A Renascença Literária Norte-Americana. *America Brasileira*. Rio de Janeiro: mai.
- GOLDBERG, Isaac (1924). As Latin America sees us. *The American Mercury*. Nova York, p.465-471, dez. Disponível em: <<https://www.unz.com/print/AmMercury-1924dec-00465/>>. Acesso em: 16 de mar. 2023.
- GOLDBERG, Isaac (1922). *Brazilian literature*. Nova York: Alfred A. Knopf. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/cache/epub/49605/pg49605-images.html>>. Acesso em: 16 de mar. de 2023.
- GOLDBERG, Isaac (1925). *Brazilian short stories*. Kansas: Haldeman-Julius Company. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015012979269&view=1up&seq=5>>. Acesso em: 16 de mar. de 2023.
- GOLDBERG, Isaac (1921). *Brazilian tales*. Boston: The Four Seas Company. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/21040/21040-h/21040-h.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2023.
- GOLDBERG, Isaac (1928). El espíritu latino americano en la literatura. *Orientación*. Buenos Aires, n. 5, ago. Disponível em: <<https://digital.iai.spk-berlin.de/viewer/image/790221195/25/>>. Acesso em: 16 de mar. 2023.
- GOLDBERG, Isaac (1926). Literary Ladies of the South. *The American Mercury*. Nova York, p.448-452, dez. Disponível em: <<https://www.unz.com/print/AmMercury-1926apr-00448/>>. Acesso em: 16 de mar. 2023.
- GOLDBERG, Isaac (1917). South American literature: Three Brazilian tales. *The Stratford Monthly*. Boston, vol. 1, p. 3-31, set. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=njp.32101064477654&view=1up&seq=377&q1=isaac%20goldberg>>. Acesso em: 16 de mar. 2023.

- GOLDBERG, Isaac (1924). *The spirit of Brazilian literature*. Kansas: Haldeman-Julius Company. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015063033180&view=1up&seq=1>>. Acesso em 16 de mar. 2023.
- GOLDBERG, Isaac (1915). What South Americans Read. *The Bookman*. Nova York, vol. XLI, n. 41, p. 382-393, 478-489, 641-652, mar.\ago.. Disponível em: <<https://www.unz.com/print/author/GoldbergIsaac/Search/?Title=What+South+Americans+Read&PubType=All&Action=Search>>. Acesso em: 16 de mar. 2023.
- ISAAC GOLDBERG (s. d.). Disponível em: <https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Isaac_Goldberg&oldid=1065349190>. Acesso em: 16 mar. 2023.
- LAJOLO, Marisa (2010). Monteiro Lobato & Isaac Goldberg: a América Latina na América do Norte. *Remate de males*. Campinas, v. 30, n. 2, p. 293-310, jul./dez.
- LIMA, Oliveira (1921). A propaganda das letras brasileiras. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, p. 5, nov. 20.
- LINS, Álvaro (2012). Um crítico no mundo moderno. In: MAIA, E. C. (org.) *Álvaro Lins: Sobre crítica e críticos*. Recife: CEPE.
- LIVINGSTONE, Victoria (2015). Between the good neighbor policy and the Latin American “boom”: Brazilian literature in the United States. *Belas Infiéis*. Brasília, v.4, n. 2, p. 115-127.
- MARTINS, Wilson (2002). *A crítica literária no Brasil*. vol. 1. 3a.ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- PEREIRA, Marcio Roberto (2022). Aspectos da formação da literatura brasileira sob a perspectiva de Isaac Goldberg: Uma análise de Brazilian Literatures. *Humanidades e Inovação*. Palmas: v. 9, n. 01.
- VENTURA, Roberto (1991). *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras.